



## Migrações e Cidadania Europeia. Viver na Cidade de Babel

MIGUEL MONTEIRO

Museu da Emigração e das Comunidades, Fafe

---

Uma das narrativas míticas mais surpreendentes do Génesis remete-nos para a ideia de projecto unificador (um Povo e uma língua) através da construção da cidade de Babel e a edificação de uma Torre – “*Vamos, construamos uma cidade e uma torre. (...) Surgiu um só Povo e têm uma só língua*”

Na segunda narrativa – “*Vamos, desçamos e aqui mesmo confundamos a sua linguagem de modo a que não mais compreendam a língua um dos outros (...)*” e “*Javé os dispersou por toda a superfície da terra*”. Aqui, Babel transforma-se em lugar de confusão linguística, ausência de comunicação, associada à ideia de desgraça, de diversidade da linguagem, incompreensão recíproca e dispersão.

A construção da “Cidade e da Torre de Babel” serve-nos como metáfora para o tema: Migrações e Cidadania Europeia – princípios para uma Constituição.

A União Europeia iniciou a caminhada da construção do lugar unitário da *Cidade* e da *Torre*, contendo, em si mesma, a outra perspectiva da narrativa: o da dispersão geográfica, da pluralidade e da diversidade.

O enquadramento fundamental da caminhada europeia deverá, por isso, inscrever a “cidadania” como sendo o lugar da unidade na igualdade de direitos, dos deveres e da participação cívica dos cidadãos dos Estados que compõem a Europa, tendo em conta a diversidade das culturas, dos cidadãos naturais dos Estados europeus e dos não naturais, quando residentes neste espaço.

### Europa: Paradigma Oscilante

A centralidade simbólica da Europa teve os primeiros referentes no “Mediterrâneo comercial” de Fenícios, Gregos e Cartagineses senhores de feitorias e homens livres. Em oposição seguiu-se a Europa colonizada pelo Império de Roma, cuja ocupação se baseou na força militar em torno do Mediterrâneo.

A movimentação de povos do Norte em direcção ao Sul construiu o sentido do que veio a ser a Europa dos Reis e dos Imperadores cristãos, aos quais se veio a opor, no século VIII, o emergente Islão, cujas marcas culturais foram tão profundas que, ainda hoje, influenciam a Europa mediterrânica.

Foi o tempo de uma Europa feudal, belicista e anti-islâmica, fundada na luta entre o “bem” e o “mal”, tendo em conta as razões de natureza religiosa, onde se desenharam os terrores mais dramáticos ainda inspiradores de teorias e práticas políticas actuais.

A Europa moderna fez-se na invenção de pertença através da construção da entidade unitária das nações, baseada no mito da unidade cultural, geográfica, em supostas identidades étnicas, religiosas e linguísticas que justificaram a ideia da Nação. O Estado encarregou-se da transmissão dessa “memória nacional” que deu sentido ao mito unificador: os mesmos heróis, os feitos heróicos, as características físicas e psicológicas dos seus cidadãos.

Justificou-se, deste modo, uma Europa de Estados com culturas distintas, onde residia o sistema de compreensão e de interpretação que permitia a cada uma das nações manter os contactos entre os seus membros, pelo uso dos mesmos valores e normas.

Nos anos setenta, e face aos diferentes níveis de desenvolvimento económico e social, tivemos a Europa do Norte que se apresentava como modelo de países desenvolvidos e a do Sul como estando em vias de desenvolvimento.

À Europa de Leste, Socialista e à Europa Ocidental, liberal e democrática, delimitadas pelo Muro de Berlim, foi proposta uma Europa demarcada a Oeste pelo Atlântico e a Oriente pelos montes Urais.

A prática da construção das ideias unitárias conduziu a dramáticas guerras e não menos dramáticos regimes autoritários.



A Europa construir-se-á, pois, na ideia da unicidade, dada a diversidade das culturas, onde assenta a ideia da complementaridade e da cooperação mútua.

### **Migrantes: Cidadãos de Babel**

É cidadão da União Europeia qualquer pessoa que tenha a nacionalidade de um Estado membro, pelo que, a maioria dos direitos de cidadania, são pensados para os nacionais dos Estados, nomeadamente o de circular e permanecer livremente nos território dos Estados membros, o de participar nas eleições locais do Estado onde se encontre a residir, bem como o da protecção internacional e do uso da língua própria perante os órgãos comunitários.

A União, propõe-se eliminar as fronteiras internas e reforçar as externas, bem como gerir os fluxos migratórios, assegurando sempre um tratamento equitativo dos estrangeiros a residir legalmente. Pretende lutar contra a imigração clandestina e o tráfico de seres humanos.

No que se refere à migração, parece haver consenso na ideia de um *“contínuo movimento dos povos caçadores ou recolectores até ao grande êxodo estival que sobrepovoou, no mês de Agosto, as praias do mediterrâneo, abrangendo-se, nesta perspectiva, os fenómenos de sociedades tecnicamente menos evoluídas e as manifestações próprias dos países mais prósperos. (...) A migração implica a existência de dois universos distintos: o de origem e o de destino, provocando divisão, abandono definitivo ou por tempo calculado e sofrimento”*.

As migrações serão, na metáfora de Babel, a dispersão do homem sobre a terra e o afastamento dos laços que o ligam à comunidade.

A divisão, abandono e sofrimento dos migrantes ampliam-se com a exploração económica e com as situações de clandestinidade vivida nos países de instalação, dado que se encontram, nesses países, excluídos e desobrigados da participação cívica, e quase sempre considerados como portadores da instabilidade para os Estados e propensos à criminalidade.

As sociedades europeias têm tido o entendimento de que os estrangeiros transportariam em si os genes da não – urbanidade. Os Africanos, sendo mais dados às folias da natureza, ao ócio, à dança e à sensualidade, seriam pouco dados à disciplina e ao trabalho. Os Árabes seriam pouco dados às relações honestas do negócio.

Esta construção social, em oposição, promoveu os brancos de etnia Europeia, como exemplo da seriedade, espírito da disciplina, da produtividade e ordem necessária à civilização, o que legitimou a existência dos guetos e das vivências periféricas.

A metáfora de Babel propõe-nos a compreensão na dupla vertente da unicidade e da diversidade europeia. A primeira orienta a construção da cidade, ou seja, das (id)entidades onde sobressaem os grandes princípios orientadores da Europa: a liberdade, a igualdade, a solidariedade entre os homens e a democracia das instituições. A outra vertente da metáfora, ou o princípio da dispersão, permite encontrar a diversidade cultural na perspectiva da propagação das civilizações, como amplificador do sistema que permite a um grupo humano manter os contactos entre os seus membros, e entre estes e o mundo.

É partindo desta ideia que, em 1985, a Associação Portuguesa de Emigrantes em França - *A Centopeia*- 1985, propõe aos jovens Luso-descendentes, que vivessem *“a dualidade portuguesa - francesa que esteve na origem da formação das suas mentalidades”* dado que, *“alguns deles, mesmo formados nessa dualidade, verão o seu futuro inteiramente no contexto envolvente”* como forma de exercício da cidadania europeia, na esperança da sua completa integração.

Da Europa se espera a promoção da globalização do bem-estar dos povos, das nações e dos Estados, particularmente nas regiões de fronteira, através de políticas da cooperação económica e cultural, como forma de atenuar os fluxos migratórios, a divisão, abandono e sofrimento dos cidadãos migrantes.